

AUTORA BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES

Kristan Higgins

Como o namorado
perfeito pode
se tornar real?

*A arte de
inventar o amor*

*A arte de
inventar o amor*


Kristan Higgins



*A arte de
inventar o amor*

Como o namorado perfeito pode se tornar real?

Tradução
Ana Rodrigues

 **HarperCollins** *Brasil*

Rio de Janeiro, 2016

Título original: TOO GOOD TO BE TRUE
Copyright © 2009 by Kristan Higgins

Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Contatos:

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H549a

Higgins, Kristan,

A arte de inventar o amor: Como o namorado perfeito pode se tornar real? / Kristan Higgins; tradução Ana Rodrigues. – 2. ed. – Rio de Janeiro : HarperCollins Brasil, 2016.

336 p. ; 23 cm.

Tradução de: Too Good To Be True

ISBN 978.85.69809.96-8

1. Romance americano. I. Rodrigues, Ana. II. Título.

16-30200

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Este livro é dedicado à memória da minha avó, Helen Kristan, sem dúvida a mulher mais adorável que eu já conheci.

Agradecimentos

A Mary Carvainis Agency... meus agradecimentos, como sempre, para a brilhante e generosa Maria Carvainis, por sua sabedoria e por suas orientações. Também agradeço a Donna Bagdasarian e June Renschler por seu entusiasmo por este livro.

À Harlequin Books, meus agradecimentos a Keyren Gerlach, por seus comentários educados e inteligentes e a Tracy Farrel por seu apoio e encorajamento.

Obrigada a Julie Revell Benjamin e Rose Morris, minhas companheiras escritoras; e a Beth Robinson, da PointSource Media, que fez meu site na internet e meus trailers tão fantásticos.

No lado pessoal, agradeço aos meus amigos e familiares, que escutam incessantemente as minhas ideias: mamãe, Mike, Hilly, Jackie, Nana, Maryellen, Christine, Maureen e Lisa. Que sorte a minha por ter essa família e esses amigos.

Obrigada aos meus queridos filhos, que tornam a minha vida tão deliciosa e, especialmente, ao meu amor, Terence Keenan. Palavras, nesse caso, simplesmente não são o bastante.

E, finalmente, agradeço ao meu avô, Jules Kristan, um homem devotado, leal, de uma inteligência aguçada e uma bondade inata e sem limites. O mundo é um lugar melhor por causa do seu exemplo, querido vovô.

Prólogo

Inventar um namorado não é nenhuma novidade para mim. Não tenho problemas em admitir isso. Algumas pessoas gostam de ver vitrines e de ficar olhando para coisas que nunca vão poder comprar. Outras ficam olhando para fotos de resorts na internet que nunca visitarão. E há aquelas que imaginam ter conhecido um cara realmente legal quando, na verdade, não conheceram.

A primeira vez em que isso aconteceu foi no sexto ano da escola. Hora do recreio. Heather B., Heather F. e Jessica A. estavam reunidas em seu pequeno círculo de popularidade. Elas usavam brilho nos lábios e sombra nos olhos, tinham lindas bolsas de mão e também tinham namorados. Naquela época, sair com um garoto só queria dizer que ele talvez se desse ao trabalho de cumprimentá-la quando passasse por você no corredor, mas era um símbolo de status. Um símbolo que eu não tinha, assim como a sombra nos olhos. Heather F. estava observando o garoto com quem saía, Joey Ames, enquanto ele colocava um sapo dentro da calça, por razões só compreensíveis para os garotos do sexto ano. Enquanto o observava, ela conversava com as outras sobre sua intenção de terminar com Joey e começar a sair com Jason.

E, de repente, sem pensar duas vezes, me peguei dizendo que eu também estava namorando... um garoto de outra cidade. As três meninas populares se voltaram para mim com um súbito interesse, e eu me peguei falando sobre Tyler, sobre como era uma gracinha, inteligente e educado. Um cara mais velho, de catorze anos. Também disse que a família dele era dona de um rancho onde criavam cavalos e que queriam que eu batizasse o novo potrinho. Eu contei que iria treinar o potro para que atendesse apenas ao meu assobio e para que viesse quando eu chamasse.

É claro que todas nós inventamos um garoto assim. Certo? Qual era o problema de acreditar, ou quase, que em algum lugar longe dali havia um garoto como Tyler dos cavalos, nem que fosse para contrabalançar os que colocavam sapos nas calças? Era quase como acreditar em Deus. Temos que acreditar. Afinal, qual é a alternativa? As outras garotas compraram a ideia, me encheram de perguntas e passaram a me olhar com mais respeito. Heather B. até me convidou para sua festa de aniversário que se aproximava, e eu aceitei, feliz. É claro que quando a ocasião chegou, fui forçada a dividir com as garotas a triste notícia de que o rancho de Tyler havia sido devastado pelo fogo e a família se vira obrigada a mudar para o Oregon, levando meu potro, Sol da Meia-Noite, com eles. Talvez, as Heathers e o resto das meninas da minha turma

tenham desconfiado da verdade, mas percebi que não me importava nem um pouco com isso. Imaginar Tyler fez com que eu me sentisse... ótima, para dizer a verdade.

Mais tarde, quando eu tinha quinze anos, e nos mudamos de nossa humilde cidade de Mount Vernon, em Nova York, para a elegante Avon, em Connecticut, onde todas as garotas tinham cabelos lisos e dentes muito brancos, eu inventei outro garoto. Jack, o namorado da minha cidade natal. Oh, ele era tão lindo (como provei mostrando a foto em minha carteira, que eu havia cortado cuidadosamente de um catálogo da loja J. Crew). O pai de Jack tinha um restaurante incrivelmente lindo chamado Le Cirque (é, eu tinha quinze anos). Jack e eu estávamos indo devagar... sim, nós nos beijávamos, na verdade já havíamos ido um pouco mais adiante, mas ele era tão respeitoso, que não fora além. Queríamos esperar até estarmos mais velhos. Talvez ficássemos noivos logo e, como a família dele me adorava, queriam que Jack me comprasse um anel da Tiffany's, não um diamante, mas talvez uma safira, parecida com a da princesa Diana, mas um pouco menor.

Infelizmente, rompi com Jack quatro meses depois que comecei meu segundo ano do Ensino Médio, para ficar disponível para os garotos locais. Minha estratégia fracassou... os garotos locais não estavam muito interessados em mim. Na minha irmã mais velha, com certeza... Margaret de vez em quando me buscava na escola quando não estava na faculdade, e os garotos ficavam paralisados só de olhar sua beleza intensa e gloriosa. Até minha irmã mais nova, que ainda estava na sétima série na época, já dava sinais de que se tornaria uma beldade. Mas eu fiquei sozinha, e desejei não ter rompido com meu namorado fictício, senti falta do prazer e do aconchego que experimentava ao imaginar um garoto daqueles gostando de mim.

Então veio Jean-Philippe. Esse foi inventado para conter um cara irritante e incrivelmente persistente na faculdade. Um estudante de Química que, pensando bem, imagino que sofresse da Síndrome de Asperger, que o tornava imune a qualquer obstáculo social que eu colocasse em seu caminho. Em vez de simplesmente ir direto ao assunto e dizer ao cara que eu não gostava dele (isso parecia tão cruel...), instruí minha colega de quarto a rabiscar bilhetes e colá-los na porta do quarto, para que todos pudessem ver: “Grace, J.P. ligou de novo, ele quer que você passe as férias com ele em Paris. Retornar a ligação *toute suite*.”

Eu *amava* Jean-Philippe, amava imaginar que um francês bem-vestido tinha uma queda por mim! Que ele ficava passeando pelas pontes de Paris, olhando triste para o Sena, ansiando por mim e suspirando de saudades enquanto comia croissants de chocolate e bebia um bom vinho. Oh, cultivei uma paixonite por Jean-Philippe por anos, rivalizando apenas com meu amor por Rhett Butler, a quem descobri aos treze anos e nunca mais abandonei.

Durante a década dos meus vinte anos, e até mesmo agora, aos trinta, inventar um namorado era uma técnica de sobrevivência. Florence, uma das senhorinhas da casa de repouso Golden Meadows Senior Village, recentemente me oferecera seu sobrinho, durante a aula de dança de salão, da qual eu era assistente.

— Querida, você simplesmente vai amar Bertie! —, ela disse em sua vozinha aguda, enquanto eu tentava fazê-la girar para a direita. — Posso dar seu telefone a ele? Bertie trabalha na área e saúde, é podólogo. Mas ele tem um probleminha... Também, as garotas hoje em dia escolhem demais. Na minha época, se a mulher tivesse trinta anos e fosse solteira, era o mesmo que estar morta. Só porque Bertie parece ter seios, qual o problema? A mãe dele era uma mulher de seios grandes também, oh, ela era peituda...

Na mesma hora surgiu o namorado imaginário.

— Oh, ele parece um amor, Flo... mas acabei de começar a namorar um rapaz. Pena.

Mas tenho que admitir que não era só quando eu estava no meio de outras pessoas que eu inventava namorados. Também usava o namorado de emergência como... bem, vamos dizer como um mecanismo de compensação.

Por exemplo, algumas semanas atrás, eu estava dirigindo para casa em um trecho escuro e solitário da Connecticut's Route 9, pensando em meu ex-noivo e em sua nova amada, quando meu pneu estourou. Como é típico quando encaramos a morte, um milhão de pensamentos passaram por minha mente, enquanto eu lutava para controlar o volante, tentando evitar que o carro derrapasse, e mal percebia que a voz gritando "Meu Deus, meu Deus, meu Deus!" era minha. A primeira coisa que me veio à cabeça foi que eu não tinha nada para usar no meu funeral (*calma, calma, você não quer que o carro derrape*). A segunda, se o caixão aberto não fosse uma opção, eu esperava que meu cabelo não estivesse tão rebelde na morte quanto fora em vida (*segure o volante com mais força, você está perdendo o controle*). Minhas irmãs ficariam devastadas, meus pais ficariam anestesiados pela dor, em um silêncio desesperado, ao menos no dia do enterro (*pise no acelerador, só um pouco, para manter o carro estável*). E, santo Deus, Andrew ficaria arrasado pela culpa! Passaria o resto da vida se arrependendo de ter me dispensado (*diminua a velocidade aos poucos agora, ligue o pisca-alerta, bom, bom, ainda estamos vivas*).

Quando o carro estava parado, em segurança, no acostamento, fiquei sentada, tremendo, o coração batendo como uma persiana em um furacão.

— Jesus, obrigada! Jesus, obrigada! Jesus, obrigada! — eu recitei, enquanto procurava pelo meu telefone celular.

É claro que ele estava sem sinal. Esperei por um tempo e então, resignada, fiz o que precisava fazer. Sai do carro sob o temporal frio de março e examinei meu pneu arrebentado. Abri o porta-malas, peguei o macaco e o estepe. Só então percebi que nunca havia trocado um pneu antes. Enquanto me esforçava para fazer o serviço, volta e meia um carro passava em alta velocidade, jogando água em mim. Prendi minha mão com tamanha força que deu sangue pisado, quebrei uma unha, arruinei meus sapatos e fiquei imunda de lama e graxa.

Ninguém parou para me ajudar. Nem uma única alma. Ninguém sequer pisou no freio, por sinal. Acabei trocando o pneu, praguejando, revoltada com a crueldade do mundo, mas vagamente orgulhosa por trocar um pneu sozinha. Então entrei

novamente no carro, os dentes chacoalhando, os lábios azuis de frio, encharcada e suja. Voltei para a estrada e tudo em que conseguia pensar era em um banho, em uma bebida quente, no programa *Project Runaway* e no meu pijama de flanela. Em vez disso, encontrei um desastre esperando por mim.

A julgar pelas evidências, Angus, meu West Highland Terrier, havia mastigado o trinco de segurança, do tipo feito para proteger as crianças, que eu havia prendido em meu armário de cozinha recém-pintado, arrastado a lata de lixo para o meio da cozinha, virado tudo no chão e comido o frango de qualidade já duvidosa que eu jogara fora àquela manhã. Ao que parecia, não havia nada de duvidoso em relação ao frango, ele realmente estava estragado. Meu pobre cão havia vomitado com tanta intensidade que as paredes da minha cozinha estavam cobertas de vômito de cachorro. Uma trilha de bile amarelo-esverdeada descia do alto da parede passando por cima do relógio no formato do gato Fritz. Uma trilha de excremento úmido seguia até a sala de estar, onde encontrei Angus esparramado sobre meu tapete oriental em tons pastéis, que eu acabara de limpar. Meu cachorro arrotou repulsivamente, latiu uma vez e balançou a cauda com amor e culpa no meio das poças de vômito.

Nada de banho. Nada de Tim Gunn e *Project Runaway*. Nada de bebida quente.

E o que tudo isso tinha a ver com outro namorado imaginário? Bem, enquanto eu esfregava o tapete com água e alvejante e tentava preparar Angus emocionalmente para o supositório que o veterinário me instruíra a colocar nele, me descobri imaginando a seguinte cena.

Eu estava voltando de carro para casa quando meu pneu estourou. Eu parei, peguei meu telefone celular e blá, blá, blá... Mas o que foi isso? Um carro diminuiu a velocidade e parou atrás de mim. Era, vamos ver... um desses carros híbridos ecologicamente corretos e, ah, e a placa especial deixava claro que era médico. Um bom samaritano na forma de um homem alto e magro, com cerca de 35 anos, se aproximou do meu carro. Ele se abaixou. Olá! E então aconteceu... aquele momento em que olhamos para alguém e simplesmente... Kabum! Sabemos que ele é O Cara.

Na minha fantasia, aceitei a oferta de ajuda do bom samaritano. Dez minutos mais tarde, ele havia trocado o pneu, guardado o outro, estourado, no porta-malas e me entregado seu cartão. Wyatt Alguma Coisa, médico do Departamento de Cirurgia Pediátrica. Ah...

— Me ligue quando chegar em casa, só para eu saber que você chegou bem, certo? — ele disse, sorrindo. Kabum! Ele anotou o número de seu telefone de casa no cartão, enquanto eu me embriagava olhando para suas covinhas atraentes e para seus longos cílios.

A fantasia tornou a limpeza de toda aquela sujeira muito mais agradável.

É óbvio que eu sabia perfeitamente que meu pneu não havia sido trocado por um médico bonito e gentil. Não contei isso a ninguém. Apenas um pouco de escapismo, certo? Não, não havia nenhum Wyatt (sempre gostei desse nome, tão imponente e nobre). Infelizmente, um cara como esse era bom demais para ser verdade. Não andava

por aí conversando sobre o cirurgião pediátrico que havia trocado o meu pneu, é claro que não. Não. Eu mantinha isso para mim mesma, só como um mecanismo de compensação, como eu já disse. Fazia anos que eu não inventava publicamente um namorado.

Quer dizer, até recentemente.

Capítulo um



— *E*ntão, com esse único ato, Lincoln mudou o curso da História Americana. Ele era uma das figuras mais desprezadas da política em sua época, mesmo assim preservou a União e é considerado o maior presidente que nosso país já teve. E que possivelmente jamais teremos.

Meu rosto enrubesceu... Acabáramos de começar nossa aula sobre a Guerra Civil Americana, e essa era a matéria que eu mais gostava de ensinar. Mas meus alunos do último ano do Ensino Médio estavam à beira do coma de uma tarde de sexta-feira. Tommy Michener, meu melhor aluno na maior parte dos dias, olhava perdidamente para Kerry Blake, que se espreguiçava com a intenção de, ao mesmo tempo, atormentar Tommy com o que ele não poderia ter e convidar Hunter Graystone IV a pegar o que oferecia. Enquanto isso, Emma Kirk, uma menina bonita e de bom coração, fora amaldiçoada por ser uma aluna externa, não morar na escola, e por isso acabara excluída do grupo dos “legais”. Ela olhava para a própria mesa. Emma tinha uma paixonite por Tommy e conhecia muito bem a obsessão dele por Kerry... pobre menina.

— E então, quem poderia me dizer os pontos de vista opostos? Alguém?

Do outro lado, veio o som de uma risada. Todos olhamos. Kiki Gomez, uma professora de Inglês, dava aula ao ar livre, já que o dia estava agradável, o clima ameno. Os alunos dela não pareciam entorpecidos e exaustos. Maldição! Eu também deveria ter levado meus alunos lá para fora.

— Vou lhes dar uma pista — continuei, olhando para os rostos sem expressão. — Direitos dos Estados versus Controle Federal. União versus Secessão. Liberdade para governar independentemente versus Liberdade para todas as pessoas. Com escravos ou sem escravos. Lembraram-se?

Naquele momento, bateu o sinal de fim da aula e meus preguiçosos alunos voltaram subitamente à vida e correram para a porta. Tentei não encarar aquilo como pessoal. Meus alunos do último ano normalmente eram mais aplicados, mas era sexta-feira. Os garotos tiveram provas no início da semana e haveria um baile naquela noite. Eu compreendia.

A Academia Manning era o tipo de escola que refletia o que era a Nova Inglaterra. Prédios majestosos de tijolos cobertos pela indispensável hera, magnólias e arbustos

muito verdes, campos de futebol e de lacrosse da cor de esmeraldas e a promessa de que, pelo preço de uma pequena casa, nós conseguiríamos que seus filhos fossem para a faculdade que escolhessem: Princeton, Harvard, Stanford, Georgetown. A escola, que fora fundada nos anos 1880, era como um pequeno mundo autossuficiente. Muitos professores moravam no campus, mas os que não moravam, como eu, costumavam se comportar como os alunos às sextas-feiras, ansiosos para que terminasse a última aula do dia para que pudéssemos ir para casa.

Exceto por essa sexta-feira. Eu teria ficado muito satisfeita de ficar na escola naquele dia, tomando conta dos alunos no baile ou supervisionando o jogo de lacrosse. Droga! Eu faria até a limpeza dos banheiros se precisasse. Qualquer coisa seria melhor do que os meus planos atuais.

— Oi, Grace! — disse Kiki, entrando em minha sala.

— Oi, Kiki. Sua aula parecia divertida, lá fora.

— Estávamos lendo *O Senhor das Moscas* — ela me contou.

— É claro! Agora entendo por que estavam rindo. Nada como a morte de porquinhos para animar o dia...

Kiki riu orgulhosa.

— Então, Grace, conseguiu alguém para acompanhá-la?

Fiz uma careta.

— Não. Não consegui. Isso não vai ser bonito de ver.

— Oh, droga... — ela falou. — Sinto muito.

— Bem, não é o fim do mundo — murmurei, tentando ser corajosa.

— Tem certeza disso? — Assim como eu, Kiki era solteira. E ninguém sabia melhor do que uma mulher solteira na casa dos trinta anos o inferno que era ir a um casamento sem um acompanhante. Em poucas horas, minha prima Kitty, que uma vez cortara minha franja até a raiz dos cabelos quando eu estava dormindo na casa dela, iria se casar. Pela terceira vez. Em um vestido no estilo do da Princesa Diana.

— Veja, é o Eric! — anunciou Kiki, animada, apontando para a janela à minha direita. — Oh, obrigada, Senhor!

Eric era o rapaz que lavava as janelas da Academia Manning a cada primavera e a cada outono. Embora ainda estivéssemos no início de abril, a tarde estava quente e agradável e Eric estava sem camisa. Ele sorriu para nós, muito consciente da própria beleza, e começou a limpar as janelas.

— Convide-o! — sugeriu Kiki, enquanto o observávamos com grande prazer.

— Ele é casado — falei, sem tirar os olhos dele. Aquela troca de olhares provocativos com Eric era o ato mais íntimo que eu tivera com um homem já há algum tempo.

— Bem casado? — perguntou Kiki, não se importando nem um pouco em destruir um ou dois lares para conseguir um homem.

— Sim. Ele adora a esposa.

— Odeio isso — ela resmungou.

— Eu sei. É injusto.

A perfeição de homem que era Eric piscou para nós, soprou um beijo e passou o rodo para frente e para trás na janela, os ombros musculosos, se contraindo lindamente, barriga tanquinho se destacando, o sol cintilando em seu cabelo.

— Preciso ir — falei, sem mover um músculo. — Preciso trocar de roupa e me arrumar. — A ideia fez meu estômago se revirar. — Kiki, você tem certeza de que não conhece ninguém que eu possa levar? Ninguém? Eu realmente não queria ir sozinha.

— Não conheço, Grace. — Ela suspirou. — Talvez você devesse ter contratado alguém, como naquele filme com a Debra Messing.

— Essa é uma cidade pequena. Um gigolô provavelmente chamaria a atenção. E isso, provavelmente, não seria nada bom para a minha reputação. “Professora da Manning contrata garoto de programa. Os pais estão preocupados.” Esse tipo de coisa, entende?

— E quanto a Julian? — ela perguntou, se referindo ao meu amigo mais antigo, que costumava sair comigo e com Kiki em nossas noites de meninas.

— Minha família o conhece. Ele não convenceria.

— Como namorado, ou como heterossexual?

— Ambos, eu acho — respondi.

— Isso é péssimo. Ele é um excelente dançarino.

— É mesmo. — Olhei para o relógio e o medo que me perseguira durante toda a semana, me dominou de vez. O problema não era só ir sozinha ao casamento da prima Kitty. Também seria apenas a terceira vez que eu veria Andrew desde que havíamos terminado, e sem dúvida a presença de um acompanhante me ajudaria muito.

Bem, por mais que eu desejasse simplesmente ficar em casa e ler *E o Vento Levou* ou assistir a um filme, tinha que ir. Além do mais, eu vinha ficando muito em casa nos últimos tempos. Meu pai, meu melhor amigo gay, e meu cão, embora fossem ótimas companhias, provavelmente não deveriam ser os únicos homens em minha vida. E sempre havia a chance microscópica de que eu conhecesse alguém no próprio casamento.

— Talvez Eric vá — falou Kiki, indo até a janela e abrindo-a. — Ninguém precisa saber que ele é casado.

— Kiki, não — protestei.

Ela não ouviu.

— Eric, Grace precisa ir a um casamento esta noite. Seu ex-noivo vai estar lá e ela não tem um acompanhante. Você poderia ir com ela? E fingir que a adora e coisa e tal?

— Obrigada de qualquer modo, mas não — eu disse, sentindo meu rosto muito vermelho.

— Seu ex, é? — comentou Eric, enquanto secava a janela.

— Sim. Talvez seja melhor eu cortar meus pulsos agora. — Sorriu para deixar claro que não estou falando sério.

— Tem certeza de que não pode ir com ela? — perguntou Kiki.

— Minha esposa provavelmente não gostaria muito da ideia — respondeu Eric. — Sinto muito, Grace. Boa sorte.

— Obrigada — eu respondo. — Parece pior do que é na realidade.

— Ela não é corajosa? — perguntou Kiki. Eric concordou e passou para a próxima janela, enquanto Kiki se debruçava tanto para olhá-lo que quase caiu. Ela trouxe o corpo para dentro da sala de novo e suspirou. — Então você vai sozinha — disse, no mesmo tom que um médico teria usado para dizer “Sinto muito, seu estado é terminal”.

— Bem, eu tentei, Kiki — lembrei a ela. — Johnny, que entrega minhas pizzas está saindo com uma moça que gosta de pizza de anchova com alho, você acredita? Brandon, da casa de repouso disse que preferia se enforcar a servir de acompanhante para um casamento. E acabo de descobrir que o cara bonitinho da farmácia tem apenas dezessete anos e, embora ele houvesse dito que ficaria feliz em ir comigo, Betty, a farmacêutica, é sua mãe e mencionou algo sobre assediadores e sobre uma lei a esse respeito, Mann Act ou alguma coisa assim. Depois disso, passei a ir em outra farmácia.

— Ops — falou Kiki.

— Não foi nada demais. Terminei sem opções. Portanto irei sozinha, serei nobre e corajosa, passarei o tempo todo procurando por alguém para atacar e terminarei deixando a festa com um garçom. Se eu der sorte — Sorri. Corajosamente.

Kiki riu.

— Ser solteira é uma droga — ela anunciou. — E, meu Deus, ser solteira em um casamento... — Minha amiga estremeceu.

— Obrigada pela força — eu disse.



Quatro horas depois, eu estava no inferno.

A combinação familiar e nauseante de esperança e desespero fazia meu estômago se revolver. Havia pensado sinceramente que estava bem melhor ultimamente. Sim, meu noivo havia me abandonado há quinze meses, mas eu não estava deitada em posição fetal, chupando o dedo. Continuara a trabalhar, a dar aulas... E muito bem, na minha opinião. Saía com amigos. Está certo que a maior parte das minhas saídas era para dançar com senhores bem mais velhos ou para encenar as batalhas da Guerra Civil, mas eu saía. E, sim, hipoteticamente, eu adoraria encontrar um homem que fosse uma mistura da personalidade de Atticus Finch com a de Tim Gunn e com a aparência de George Clooney.

Portanto, aqui estou eu, em outro casamento. O quarto casamento na família desde O Abandono, o quarto em que eu ia desacompanhada, tentando heroicamente irradiar felicidade, para que meus parentes parassem de sentir pena de mim e de tentar arrumar encontros para mim com primos distantes e esquisitos. Ao mesmo tempo, eu tentava

aperfeiçoar O Olhar, que transmitia um divertimento irônico, um certo contentamento interior e o mais absoluto conforto. Um olhar do tipo *Oi! Estou muito bem por estar solteira em outro casamento e não estou desesperada para encontrar um homem. Mas, se por um acaso, você for heterossexual, tiver menos de 45 anos, for atraente, tiver uma boa situação financeira e for moralmente correto, apareça!* Quando eu dominasse O Olhar, planejava dividir um átomo, já que ambas as coisas exigiam o mesmo nível de talento.

Mas quem sabe? Talvez hoje meus olhos encontrassem alguém, um homem que também estivesse solteiro e com esperança de encontrar alguém e que não fosse patético. Vamos dizer, um cirurgião pediátrico, apenas para não desperdiçar a fantasia. E kabum! Nós saberíamos na mesma hora.

Infelizmente, na melhor das hipóteses, meu cabelo estava me fazendo parecer, uma bela cigana selvagem, mas era mais provável que eu estivesse parecendo a Gilda Radner. Eu deveria ter lembrado de chamar um exorcista para ver se conseguia que ele arrancasse os demônios dos meus cabelos, conhecidos por quebrar pentes e por comer escovas de cabelo.

Hummm... Lá estava um cara bem interessante. Com cara de nerd, esguio, de óculos, definitivamente o meu tipo. Então, ele percebeu que eu o encarava e imediatamente deixou claro que sua mão estava presa à outra mão, que estava presa a um braço, que por sua vez pertencia a uma mulher. Ele olhou encantado para ela, deu um beijo em seus lábios e olhou nervoso em minha direção. *Está certo, está certo, não precisa entrar em pânico, rapaz*, eu pensei. *Mensagem recebida.*

De fato, todos os homens com menos de quarenta anos pareciam estar acompanhados. Havia vários octogenários presentes, um deles, inclusive, estava sorrindo para mim. Hummm... Oitenta anos era velho demais? Talvez eu *devesse* ficar com um homem mais velho. Talvez estivesse desperdiçando meu tempo com homens que ainda tinham as próstatas funcionando e os joelhos originais de fábrica. Talvez houvesse alguma coisa interessante em um velho rico e safado. O senhor ergueu as sobrancelhas grossas, mas sua intenção de que eu fosse sua garotinha terminou de repente quando a esposa do homem apareceu, o cutucou com força e me fuzilou com um olhar da mais pura desaprovação.

— Não se preocupe, Grace. Logo será sua vez — falou de repente uma tia com voz de buzina.

— Nunca se sabe, tia Mavis — respondi com um sorriso doce. Era a oitava vez naquela noite que eu ouvia alguma coisa parecida, e estava começando a considerar a hipótese de tatuar em minha testa: *Não estou preocupada, logo será a minha vez.*

— É difícil vê-los juntos? — grasnou Mavis novamente.

— Não. De jeito nenhum — menti, ainda sorrindo. — Fico muito feliz por estarem namorando. — Sem dúvida *feliz* era um exagero, mas, ainda assim, o que mais eu poderia dizer? Era complicado.

— Você é corajosa — declarou Mavis. — É uma mulher corajosa, Grace Emerson. — Então ela se afastou em busca de mais alguém para atormentar.

— Muito bem, pode falar — exigiu minha irmã, Margaret, sentando-se em minha mesa. — Está procurando por algum instrumento bem afiado para cortar os pulsos? Pensando em aspirar um pouco de monóxido de carbono?

— Ah, veja só quanta doçura. Sua preocupação de irmã traz lágrimas aos meus olhos.

Margaret sorriu.

— É mesmo? Conte tudo para a sua irmã mais velha.

Dei um longo gole no meu Gim-tônica.

— Estou ficando um pouco cansada de ouvir as pessoas dizendo o quanto sou corajosa, como se eu fosse uma fuzileira naval que pulou em cima de uma granada. Ser solteira não é a pior coisa do mundo.

— Eu vivo desejando ser solteira — respondeu Margs quando viu o marido se aproximar.

— Oi, Stuart — falei com carinho. — Não vi você na escola hoje. — Stuart era o psicólogo escolar da Manning e, na verdade, fora ele quem me avisara que havia uma vaga no Departamento de História, seis anos atrás. Ele seguia o estereótipo... camisas modelo oxford, por baixo de coletes quadriculados, mocassins franjados e a barba característica. Um homem tranquilo e gentil. Ele e Margaret haviam se conhecido na faculdade e Stuart era o servo devoto da esposa desde então.

— Como está indo, Grace? — ele perguntou, me entregando um novo copo de Gim-tônica, o drinque que era a minha marca pessoal.

— Estou ótima, Stuart — respondi.

— Olá, Margaret! Olá, Stuart! — cumprimentou minha tia Reggie, da pista de dança. Então, ela me viu e congelou. — Oh, olá, Grace, como você está bonita. E mantenha a cabeça erguida, querida. Logo, logo estará dançando em seu próprio casamento.

— Meu Deus, obrigada, tia Reggie — respondi, dando um olhar significativo na direção da minha irmã. Reggie me deu um sorriso triste e se afastou para fofocar.

— Ainda acho isso esquisito — falou Margs. — Como Andrew e Natalie puderam seque... Meu Jesus Santíssimo! Não consigo entender o que aconteceu. Aliás, onde eles estão?

— Grace, como você está? É só fachada, ou você está realmente bem? — Agora foi mamãe quem se aproximou da nossa mesa. Papai, empurrando a própria mãe, já muito idosa, em uma cadeira de rodas, vinha logo atrás.

— Ela está bem, Nancy! — ele rugiu. — Olhe para ela! Não lhe parece bem? Deixe-a em paz. Não fale sobre isso.

— Cale-se, Jim. Conheço minhas filhas e sei que essa aqui está magoada. Uma *boa* mãe sabe disso. — Ela o fuzilou com um olhar cheio de significados.

— Se você é uma boa mãe, eu sou um ótimo pai — devolveu papai.

— Estou bem, mamãe. Papai está certo. Estou magnífica. Ei, Kitty não está fantástica?

— Quase tão bonita quanto em seu primeiro casamento — falou Margaret.

— Você viu Andrew? — perguntou mamãe. — É difícil, querida?

— Estou bem — repeti. — De verdade, estou ótima.

Mémé, minha avó de 93 anos de idade, sacudiu o gelo do drinque em seu copo.

— Se Grace não consegue prender um homem... no amor e na guerra vale tudo.

— Ela está viva! — disse Margaret.

Mémé ignorou-a, e continuou me encarando com uma expressão depreciativa em seus olhos aquosos.

— Nunca tive problemas para conseguir um homem. Os homens me amavam. Você sabe que eu era uma beldade na minha época.

— E ainda é — eu falei. — Olhe só para a senhora! Como consegue, Mémé? Não parece nem um dia mais velha do que 110 anos.

— Por favor, Grace — murmurou meu pai, com a voz fraca. — Não coloque lenha na fogueira.

— Ria se quiser, Grace. Ao menos meu noivo nunca me jogou fora. — Mémé virou de uma só vez o resto do seu Manhattan e estendeu o copo para papai, que o pegou obedientemente.

— Você não precisa de um homem — disse mamãe, com firmeza. — Nenhuma mulher precisa. — Ela deu um olhar significativo para o meu pai.

— O que quer dizer com isso? — devolveu papai.

— Quero dizer o que estou dizendo — retrucou mamãe, levantando a voz.

Papai revirou os olhos.

— Stuart, vamos pegar outra rodada de bebidas, filho. Grace, passei em sua casa hoje e você realmente precisa de janelas novas. Margaret, bom trabalho no caso Bleeker, querida. — Isso era o mais próximo que papai costumava chegar de uma conversa, meio que organizando as coisas enquanto aproveitava para ignorar a minha mãe (e a dele). — E, Grace, não se esqueça da encenação da Batalha de Bull Run no próximo fim de semana. Somos confederados.

Papai e eu pertencíamos a “Brother Against Brother”, o maior grupo de encenação da Guerra Civil Americana em três estados. Não é difícil nos reconhecer... somos os excêntricos que se fantasiam para os desfiles e batalhas encenadas em campos e parques, atirando uns nos outros com armas de mentira e despencando no chão em uma deliciosa agonia. Apesar de Connecticut não ter visto muito da ação da Guerra Civil (lamentavelmente), nós fanáticos do “Brother Against Brother” ignoramos esse fato inconveniente. Nossa programação começa no início da primavera, quando encenamos algumas poucas batalhas locais, e então passamos a nos apresentar nos lugares onde a ação aconteceu de verdade, por todo o Sul, nos juntando a outros grupos de encenação para satisfazer à nossa paixão. É surpreendente quantos desses grupos existem.

— Seu pai e essas batalhas idiotas — resmungou mamãe, ajeitando a gola de Mémé, que aparentemente caíra em sono profundo... ou morrera. Mas não, seu peito ainda

subia e descia. — Bem, eu não irei, é claro. Preciso me concentrar na minha arte. Você virá à minha exposição essa semana, não é?

Margaret e eu trocamos olhares cúmplices e deixamos escapar sons não comprometedores. A arte da mamãe era um assunto que era preferível que deixássemos de lado.

— Grace! — rosnou Mémé, voltando subitamente à vida. — Vá para lá! Kitty vai jogar o buquê! Vá! Vá! — Ela girou a cadeira e começou a empurrá-la contra as minhas canelas com a mesma crueldade de um Ramsés atacando os escravos hebreus.

— Mémé! Por favor! Você está me machucando! — Afastei minhas pernas do caminho, mas isso não a deteve.

— Vá! Você precisa de toda a ajuda que puder conseguir!

Mamãe revirou os olhos.

— Deixe-a em paz, Eleanor. Não vê que ela já está sofrendo o bastante? Grace, querida, você não precisa ir se isso for deixá-la triste. Todos vão entender.

— Estou ótima — falei em voz alta, passando a mão pelo meu cabelo rebelde que, escapara da prisão dos grampos. — Eu irei. — Maldição! Se eu não fosse seria pior. *Pobre Grace, olhe só para ela, largada ali como um gambá morto na estrada, não consegue nem levantar da cadeira.* Além do mais, a cadeira de Mémé estava começando a deixar marcas no meu vestido.

Enfim, fui para a pista de dança com a mesma animação de Ana Bolena caminhando para a execução. Tentei me misturar com o resto das mulheres e me posicionei no fundo, onde com certeza não teria chance de pegar o buquê. A música que tocava era “Cat scratch fever” — tão pouco elegante, que não pude reprimir um sorriso.

Então vi Andrew. Ele estava olhando direto para mim, culpado como o pecado. Sua namorada não estava à vista. Meu coração se apertou no peito.

É claro que eu sabia que ele estava na festa. Foi minha a ideia de que viesse. Mas vê-lo, saber que ele estava aparecendo em público com outra mulher pela primeira vez como um casal, fez minhas mãos suarem e meu estômago se revirar. Afinal, Andrew Carson era o homem com quem eu imaginara que casaria. O homem que fora meu noivo até três semanas antes da data marcada para o nosso casamento. O homem que me deixara porque se apaixonara por outra pessoa.

Dois anos atrás, no segundo casamento da prima Kitty, Andrew fora comigo. Estávamos juntos há algum tempo e quando o buquê fora jogado, eu tentara pegá-lo com certa animação, fingindo estar embaraçada, mas sentindo-me satisfeita e orgulhosa por estar com um namorado firme. Não peguei o buquê e, quando deixei a pista de dança, Andrew passou os braços pelos meus ombros.

— Acho que você poderia ter se esforçado um pouco mais — ele dissera. Lembro da agitação que essas palavras causaram em mim.

Agora Andrew estava ali com sua namorada nova. Natalie, de cabelos louros, lisos e longos. Natalie de pernas que pareciam se estender interminavelmente. Natalie, a

arquiteta.

Natalie, minha muito amada irmã mais nova, que compreensivelmente estava se mantendo afastada nesse casamento.

Kitty jogou o buquê. A irmã dela, minha prima Anne, o pegou, o que, sem dúvida, fora planejado e ensaiado. O momento de tortura passara. Mas não. Kitty me viu, levantou as saias do vestido e correu em minha direção.

— Logo será sua vez, Grace — ela disse em voz alta. — Está se aguentando bem?

— Claro — eu disse. — É como outro déjà vu, Kitty! Outra primavera, outro de seus casamentos.

— Pobrezinha. — Ela apertou o meu braço com força, destilando simpatia, relanceou o olhar para a minha franja (sim, ela havia crescido nos quinze anos que haviam se passado desde que ela a cortara), e voltou para perto do noivo e dos três filhos de seus dois primeiros casamentos.



Trinta e três minutos mais tarde, decidi que já fora corajosa o bastante. A festa de Kitty estava a pleno vapor e apesar de a música estar ótima e de meus pés estarem coçando para entrar na pista e mostrar àquelas pessoas como realmente se dançava uma rumba, achei melhor ir embora para casa. Se houvesse um homem solteiro, de boa aparência, financeiramente seguro e emocionalmente estável ali, ele devia estar se escondendo embaixo da mesa. Daria apenas uma passada rápida no banheiro e iria para casa.

Abri a porta, dei uma olhada rápida e horrorizada no espelho — nem mesmo eu sabia que meu cabelo poderia ficar tão arrepiado, quase na horizontal — e já estava entrando em um reservado quando ouvi um barulhinho. Era um som tão triste... Dei uma olhada sob a porta. Sapatos bonitos. De tiras, saltos altos, de couro azul, de grife.

— Ahn... está tudo bem? — perguntei, franzindo o cenho. Aqueles sapatos me pareciam familiares.

— Grace? — A voz era baixinha. Não admira que os sapatos tenham me parecido familiares. Minha irmã mais nova e eu havíamos comprado aquele par juntas, no inverno passado.

— Nat? Querida, você está bem?

Ouvi o farfalhar de tecidos, então minha irmã abriu a porta. Ela tentou sorrir, mas os olhos azul-claros brilhavam com lágrimas prateadas. Percebi que seu rímel não havia escorrido. Ela parecia trágica e bela, como Ilsa dizendo adeus a Rick no aeroporto de Casablanca.

— Qual o problema, Nat? — perguntei.

— Oh, não é nada... — Sua boca tremia. — Está tudo bem.

Fiz uma pausa.

— Tem alguma coisa a ver com Andrew?

Sua fachada cedeu.

— Hmmm... bem... Acho que não vai funcionar... entre mim e ele — ela falou, a voz trêmula, denunciando seu nervosismo. Natalie mordeu o lábio e olhou para baixo.

— Por quê? — perguntei. O alívio e a preocupação guerreavam em meu coração. Sem dúvida não me mataria se o relacionamento entre Nat e Andrew não desse certo, mas minha irmã não costumava ser melodramática. Na verdade, a última vez em que a vira chorar fora quando eu partira para a faculdade, doze anos antes.

— Hmmm... é só um pensamento ruim — ela sussurrou. — Mas está tudo bem.

— O que aconteceu? — perguntei. Senti uma súbita vontade de estrangular Andrew apertando meu estômago. — O que ele fez?

— Nada — ela se apressou a me assegurar. — É só... hmmm...

— O quê? — perguntei novamente, com mais determinação. Ela não olhava para mim. Ah, maldição! — É por minha causa, Nat?

Ela não respondeu.

Eu suspirei.

— Nattie. Por favor, me responda.

Os olhos dela se encontraram brevemente com os meus, mas logo voltaram a olhar para o tapete.

— Você ainda não o esqueceu, não é? — sussurrou Natalie. — Mesmo que tenha dito que já esqueceu... Vi a expressão no seu rosto, na hora em que Kitty jogou o buquê, e... oh, Grace, me desculpe. Eu jamais deveria ter tentado...

— Natalie — interrompi —, já esqueci Andrew. De verdade. Prometo a você.

O olhar que ela me lançou era tão culpado e infeliz, tão carregado de angústia que as próximas palavras saíram de minha boca sem que eu me desse conta.

— Nat, a verdade é que estou saindo com uma pessoa.

Ops. Eu realmente não planejava dizer nada, mas acabou funcionando como um feitiço. Natalie levantou os olhos para mim, e mais duas lágrimas desceram pelo rosto rosado como uma pétala de rosa, a esperança iluminando seu rosto, os olhos se arregalando.

— Está mesmo? — ela perguntou.

— Sim — menti, pegando um lenço de papel para limpar o rosto dela. — Há poucas semanas.

A expressão trágica no rosto de Natalie começava a ceder.

— Por que não o trouxe essa noite? — ela perguntou.

— Oh, você sabe. Casamentos. Todos ficariam agitados se eu aparecesse com alguém.

— Você não me contou — me acusou Natalie, uma pequena ruga franzindo sua testa.

— Bem, não queria contar nada até saber se valeria a pena mencionar. — Sorri novamente, já começando a me apegar a ideia, como nos velhos tempos, e dessa vez

Nat retribuiu o sorriso.

— Qual é o nome dele? — ela perguntou.

Parei por um segundo para pensar.

— Wyatt — respondi, lembrando da minha fantasia no dia em que precisara trocar o pneu. — Ele é médico.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Arte De Inventar O Amor" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).